

GRAEBER, David. *The utopia of Rule: on technology, stupidity, and the secret joys of bureaucracy*. London: Melville House Publishing, 2015. 146 p.

Priscila da Silva Nascimento

Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Araraquara/SP) Tem desenvolvido pesquisas e projetos de extensão nas seguintes temáticas: etnicidade, gênero, movimentos sociais na América Latina e epistemologia nativa. Atualmente é professora efetiva na Universidade do Estado do Amazonas (UEA) na área de Fundamentos das Ciências Sociais para as Licenciaturas. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4230369H6>

Adan Richard Moreira Martins

Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/MUSEU AMAZÔNICO). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília). Atua nas áreas de filosofia política, antropologia urbana, antropologia das resistências e lutas indígenas. Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4279431J4>

Reflexões sobre a burocracia na perspectiva de uma “antropologia anarquista”

O interesse teórico pela problemática da burocracia tem declinado bruscamente desde a década de 1970, fato que pode ser verificado pelo número de menções à palavra burocracia em obras publicadas em língua inglesa. Em contrapartida, o uso de palavras geralmente associadas a procedimentos burocráticos como, por exemplo, documento, formulário, avaliação, rendimento, entre outras, aumentou de modo contínuo. O tempo diário que um cidadão estadunidense e das demais nacionalidades passa dedicado a atividades burocráticas também foi ampliado consideravelmente. A falta de interesse teórico pela questão não se deve, portanto, ao fato de ter perdido sua importância no mundo atual, mas à sua extensão à todas as dimensões da vida social que tornou a burocracia tão onipresente ao ponto de não ser mais problematizada.

A crítica da burocracia, foco de interesse da esquerda até 1970, está sob o monopólio da direita. Visa justificar a privatização dos serviços públicos e

é consubstancial à burocratização radical do cenário global e do surgimento das primeiras instituições burocráticas em escala planetária, como é o caso do Banco Mundial, FMI, OMC e das corporações transnacionais. Esconde a multiplicação de regulamentos e normas de todos os tipos e, o que é mais importante, de uma classe de administradores fortemente hierarquizada responsável por aplicá-los e cujo trabalho é simplesmente inútil, embrutecedor e sem sentido. Todo esse grande aparelho burocrático tem como fundamento e razão de ser a ameaça da violência, física e não meramente simbólica, sobre os indivíduos. Disso tudo, tira-se as seguintes lições: 1- “do not underestimate the importance of sheer physical violence” [não subestime a importância da violência física] (p.21), 2- “do not overestimate the importance of technology as a causative factor” [não superestime a importância da tecnologia como fator causal] (p. 23) e 3- “always remember it’s all ultimately about value” [lembre-se sempre que tudo gira, em última análise, em torno do valor] (p. 24).

Esta é, em linhas gerais, a tese introdutória da última obra do polêmico antropólogo e ativista anarquista estadunidense David Graeber, professor leitor de antropologia social desde 2006 no Goldsmith College da Universidade de Londres. Entre 1998 e 2005, foi professor de antropologia na Universidade de Yale nos Estados Unidos, da qual foi demitido, ao que parece, devido suas atividades sindicais no interior da universidade. É membro do Industrial Workers of the World (Trabalhadores Industriais do Mundo), uma organização operária de orientação anarcossindicalista fundada nos Estados Unidos em 1905. Teve uma ativa participação nas assembleias e discussões do movimento Occupy Wall Street, que em 2011 ocupou as ruas e praças do distrito financeiro de Manhattan e organizou ações em outras importantes cidades do mundo questionando o papel corrosivo dos grandes bancos e corporações transnacionais sobre os processos democráticos e o modo como contribuíram para o colapso econômico que perdura ainda nos dias atuais. Entre suas principais obras estão: *Towards an anthropological theory of value* (2001), *Fragments of an anarchist anthropology* (2004), *Possibilities: essays on hierarchy, rebellion and desire* (2007), *Direct action: an ethnography* (2009) e *Debt: the first 5000 years* (2011).

The utopia of rule: on tecnologia, stupidity, and the secret joys of bureaucracy [A utopia das normas: da tecnologia, estupidez e os secretos prazeres da burocracia] é composto por quatro ensaios (sendo o último apresentado como apêndice) que abordam de maneira clara e irônica, a partir de diferentes perspectivas que vão do relato autobiográfico ao cinema e imaginário fantástico, como chegamos historicamente a este ponto de “total bureaucratization” [burocratização total] (p.14) - a introdução se intitula “The iron law of liberalism and the era of total bureaucratization” (A lei de ferro do liberalismo e a era da burocratização total) - das atividades humanas.

No primeiro ensaio, intitulado “Deads zones of the imagination: an essay on structural stupidity” [Zonas mortas da imaginação: um ensaio sobre a estupidez estrutural], Graeber parte do relato de algumas de suas experiências com a rotina burocrática para tentar demonstrar como ela nos leva, na maioria das vezes, à situações absurdas ou, como ele mesmo classifica, estupidas. O caso mais significativo lhe ocorreu em 2006 quando sua mãe sofreu uma série de infartos e se tornou incapaz de viver sozinha em casa sem algum tipo de ajuda. A primeira tarefa foi inscrevê-la em um programa governamental de atenção à saúde, uma vez que seu seguro não cobria este tipo de serviço. Após uma enorme quantidade de documentos reunidos, uma pequena fraude nos valores da conta corrente da mãe sugerida pelos próprios funcionários da seguridade social - pois para ter direito ao benefício o montante total em conta não poderia ultrapassar seis mil dólares - e muita paciência conseguiu concluir a solicitação. Sua mãe, porém, não poderia ela mesma se responsabilizar pela administração do valor do benefício e o perderia caso o acumulasse em conta. O próximo passo foi se dirigir ao banco para tentar tomar poder sobre a conta. Viveu, segundo ele mesmo, um pequeno inferno cotidiano que durou algumas semanas - idas e vindas entre o banco e a seguridade social, formulários feitos e refeitos várias vezes, desacordo de informações entre uma instituição e outra, entre outras situações - que só foi interrompido porque sua mãe morreu durante o processo. Ao final desta experiência traumática, teve a sensação de ter sido forçado a atuar à todo tempo como um idiota. Lição aprendida: a burocracia, tanto a

corporativa como a pública, parece estar organizada para garantir que uma parte importante dos atores sejam incapazes de realizar as tarefas nas quais se encontram envolvidos. É, por definição, uma forma utópica de organização que fixa aos indivíduos exigências impossíveis de serem realizadas.

Os rituais burocráticos ainda não receberam, segundo Graeber, a devida atenção por parte dos antropólogos. Pouco se encontra na literatura etnográfica sobre os formulários, por exemplo. Isso se deve, dentre outras coisas, ao fato da tentativa de compreendê-los se tornar uma tarefa extremamente chata para quem a empreende. Há poucas coisas interessantes a serem ditas a respeito. Diferentemente dos dramas sociais, das redes de parentesco, das formas poéticas, entre outros, nas quais se pode enveredar ilimitadamente por complexas tramas de sentido e de significação, os formulários estão desenhados para serem simples e autossuficientes. Não há nada a ser interpretado neles. Burocracia e violência se encontram tão intimamente ligadas, que ao se tentar densificá-la simbolicamente, conforme propõem Clifford Geertz com sua “descrição densa”, corre-se o risco de confundir o interessante com o que é realmente importante na questão. A burocracia tende a se instalar ali onde ocorre a violência - de gênero, raça, classe, etc. - pois nada mais faz do que gerir situações violentas. E o mais importante sobre a violência é que talvez seja a única forma de ação humana capaz de ter efeitos sociais sem ser comunicativa, visto que pode obter efeitos relativamente previsíveis sobre as ações de uma outra pessoa sobre a qual nada se sabe.

A existência de uma assimetria nas relações de poder gera, de acordo com Graeber, uma assimetria no trabalho de interpretação. Desse modo, aquele que se encontra do lado favorável da relação de poder é completamente incapaz de se colocar no lugar do oprimido e de imaginar como as coisas poderiam ser diferentes do que são. Já o oprimido se vê obrigado a fazer um constante esforço interpretativo para compreender o opressor e sua própria opressão. As situações criadas pela violência estrutural - entendida como as formas dominantes de desigualdade social que em última instância são respaldadas pela ameaça de dano físico - tendem a criar os tipos de cegueira deliberada que costumamos associar aos procedimentos burocráticos. A bu-

rocracia, neste sentido, não é estúpida em si mesma. Ao contrário, é estúpida por ter como função gerir situações estúpidas sem ter de se preocupar em interpretá-las. Não funcionam, como preconizaram Marx Weber e Foucault, devido seu alto grau de racionalidade. A ameaça da violência é, em última análise, o que permite seu funcionamento. É o que permite que decisões arbitrárias sejam tomadas e que o debate e as negociações que caracterizam as relações sociais mais igualitárias sejam a todo tempo evitadas.

No ensaio “Of flying cars the declining rate of profit” [Dos carros voadores e o declínio na taxa de lucro], Graeber chama a atenção para o fato da presença onipresente da burocracia em nossas vidas não ser consequência do desenvolvimento tecnológico, mas sim o contrário. Tomando como exemplo a utopia industrial que lançou tanto os Estados Unidos como a URSS no período posterior à Segunda Guerra Mundial à corrida espacial, observa como os futuros carros voadores e o trabalho físico realizado por robôs presentes no imaginário social e na ficção-científica da época derivaram em um desenvolvimento tecnológico orientado principalmente para o controle e a disciplina social. O desenvolvimento tecnológico dos Estados Unidos esteve orientado nesse período para a afirmação do modelo capitalista como o melhor sistema existente frente ao modelo socialista vigente na URSS. Recorda, por exemplo, como o filme *Star Trek*, de J. J. Abrams, era acusado de ser “comunista” por idealizar um futuro onde a mercadoria parecia não existir e que essa acusação só se dissipou quando décadas depois foi introduzida a figura dos Borg, uma espécie de humanoides melhorados marcadamente anti-individualista, em *The Next Generation*. Argumenta que até a década de 1970 a corrida espacial funcionou como uma “poetic technologies” (tecnologia poética) (p. 83), ou seja, uma tecnologia que se utiliza de meios racionais, técnicos e burocráticos para tornar realidade fantasias impossíveis e impensáveis, capaz de mobilizar grandes esforços e investimentos de ambos os lados. Após 1970, quando ocorre importantes mudanças na estrutura do capitalismo, o desenvolvimento tecnológico e a investigação científica passaram a ser cada vez mais orientados por processos burocráticos e pelas hierarquias. Como resultado, o papel da imaginação no trabalho investigativo se tornou cada vez mais restrito.

A moderna conformação da pesquisa científica a tornou progressivamente conservadora, de tal maneira que os possíveis efeitos revolucionários da tecnologia que poderiam ameaçar o status quo são controlados e assimilados prontamente. De acordo com Graeber houve nas últimas décadas um processo de transição que conduziu a investigação científica das “tecnologias poéticas” às “bureaucratic technologies” [tecnologias burocráticas] (p. 83), na qual toda a espontaneidade presente nas pesquisas realizadas em épocas anteriores ao capitalismo foi diluída em processos burocráticos.

No ensaio “The utopia of rules, or why we really love bureaucracy after all” [A utopia das normas, ou por que na realidade, depois de tudo, amamos a burocracia], Graeber procura entender o porquê de aceitarmos sem resistência a burocracia e os absurdos que ela comete em nome da racionalidade. Através de uma genealogia do serviço postal nos Estados Unidos e na Alemanha, demonstra como o eficiente serviço prestado por esta instituição, inicialmente como serviço de postal militar durante o século XVIII e que depois se ampliou para outros setores da sociedade, ajudou a sustentar estas nações e a fecundar as primeiras sementes daquilo que classifica como “amor” pela burocracia. O serviço postal teve uma grande importância na constituição e consolidação de ambos os países e disso deriva a importância que atribuída à sua forma de funcionamento. Recorda, por exemplo, que foi o serviço postal quem serviu de inspiração para a afirmação de Max Weber sobre a racionalidade da burocracia.

Conforme argumenta, a burocracia opera uma estrita divisão entre meios e fins, fatos e valores, fazendo com que qualquer coisa possa ser administrada eficazmente independentemente do que ela seja. A própria ideia de separação entre meios e fins, segundo Graeber, um produto da mentalidade burocrática. Neste sentido, todo projeto político que eleve a racionalidade como fim em si mesmo, que considere que sua postura política esteja baseada na racionalidade está, na realidade, ocultando os verdadeiros valores que o movem.

Graeber empreende em seguida um breve estudo sobre a ideia de liberdade, tendo como fio condutor a problemática dos jogos. Baseando-se na diferenciação inglesa entre os significados de *to play* e *game*, afirma que o

jogo, *to play*, é uma ação livre e improvisada e que o jogo, *game*, subentende a existência de regras sobre a qual o exercício da liberdade se torna efetivo. A livre energia poética se transformaria em simples aleatoriedade se não houvesse as regras no jogo. Observa que há diferenças entre regras implícitas e explícitas e que alguns problemas surgem quando se explicitam as regras que eram antes apenas implícitas. No estudo da linguagem de uma comunidade, por exemplo, quando se procura explicitar a estrutura gramatical que a rege é produzido um efeito prescritivo de fixação de algumas regras que antes eram suficientemente flexíveis para permitir certo grau de variação. No caso da ideia de liberdade, há um paradoxo semelhante que é a tensão entre o livre ato de jogar da criatividade humana contra as regras que constantemente cria. Ao idêntico ocorre com a burocracia. Ela cria uma situação na qual a busca da liberdade em relação ao poder arbitrário acaba simplesmente produzindo mais poder arbitrário e, por consequência, regras que acabam por asfixiar a existência. Em um sentido metafórico, cria jogos que não são em nada divertidos e que deixam cada vez menos lugar para o jogo espontâneo. Em qualquer situação haverá normas e regulamentos escritos a serem aplicados e que, pelo simples fato de sua existência e de sua aplicação, gerarão conflitos e violências de todos os tipos.

No último ensaio da obra, “On Batman and the problem of constituent power” (Do Batman e o problema do poder constituinte), Graeber realiza uma análise política e sociológica do último filme da trilogia *Batman: The Dark Knight Rises*, de Christopher Nolan, e de outros super-heróis do cinema, com o intuito de demonstrar como o surgimento do poder constituinte, representado pelo movimento Occupy do qual fez parte, sempre escapa da lei na medida em que a institui. As tramas dos filmes de super-heróis são, como a burocracia, analisadas como elementos essencialmente reacionários na medida em que sua virtude consiste no enfrentamento de um vilão revolucionário e na preservação do status quo diante do poder arbitrário do livre jogo. Os super-heróis são caracterizados nas tramas como pessoas normais, descentes, superpoderosas, que vivem em um mundo no qual o fascismo é a única alternativa política viável. Conceitos como o de soberania, o agente por

cima da lei, e manutenção do status quo, por exemplo, são temas recorrentes no mundo dos super-heróis. Eles lutam contra criminosos em nome da lei e, inclusive, operam muito além do marco legal.

Graeber considera que o exemplo das tramas de super-heróis nos permite pensar que todo poder capaz de criar um sistema de leis não pode, ele mesmo, estar submetido a ela. Os exemplos históricos também demonstram que toda revolução social se inicia como um ato ilegal, o que faz com que a lei oficial emane sempre e a todo momento de uma situação de ilegalidade. Cromwell, Jefferson e Danton eram, durante a Revolução Americana, acusados de serem traidores. Frente a isso, Graeber conclui que em um mundo globalmente burocratizado os movimentos sociais e as iniciativas assemblarias de democracia direta que tiveram lugar no movimento Occupy configuram um poder constituinte que ao afirmar a importância do livre jogo coloca em questão as regras criadas pelo aparelho burocrático.

Ao nosso ver, um dos principais desafios da atualidade consiste em compreender a amplitude do fenômeno burocrático em nossas vidas, fato esse que impede que tenhamos um pleno conhecimento de seu funcionamento. Graeber nos apresenta na presente obra algumas intuições e pistas que, quer concordemos ou não, são de grande proveito para aqueles que se preocupam com a transformação da realidade existente. Como observou o antropólogo colombiano Luís Guillermo Vasco Uribe (1983), a transformação das relações sociais de exploração e dominação – incluída aqui a relação entre pesquisador e sujeitos pesquisados - começa pela modificação da própria relação. Por isso a urgência de pensarmos uma antropologia, e também um trabalho etnográfico, desburocratizada por meio de uma “perspectiva anarquista”.

REFERÊNCIAS

1. VASCO URIBE, L. G. Algunas reflexiones epistemológicas y metodológicas sobre la utilización del metodo etnografico en el trabajo de campo. *Boletín de Antropologia*, Medellín, vol. v, n. 17-19, tomo II, p. 665-675, 1983.